

A pedagogia do teatro no cruzamento de fronteiras

Guaraci da Silva Lopes Martins
Doutora em Artes Cênicas – UFBA
Professora da Faculdade de Artes do Paraná – FAP

Resumo: O presente texto é um recorte da pesquisa de doutorado realizada no PPGAC-UFBA, que teve como objeto identificar estratégias pedagógicas no teatro para o desenvolvimento da discussão sobre a problemática relativa ao gênero e à sexualidade. Para tanto, utilizei-me da pesquisa participante com abordagem qualitativa, fundamentada em teorias específicas. A amostra vem da participação de alunos do curso de Licenciatura em Teatro da FAP, por meio do estágio supervisionado, e também de docentes atuantes na rede estadual e municipal da educação de Curitiba e Região Metropolitana. Compreendido como área de conhecimento, o teatro pode contribuir no processo de inclusão de sujeitos, com vistas a uma sociedade mais democrática.

Palavras-chave: pedagogia do teatro; gênero; sexualidade.

O presente artigo trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado sob o título *“Encontro Marcado”: um Trabalho Pedagógico com Performances Teatrais para a Discussão das Sexualidades em Espaços de Educação*, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e defendida no ano de 2009. Este trabalho tem como objeto de estudo a investigação de metodologias com o teatro em espaços educativos, abordando questões de gênero e sexualidade.

Para a elaboração deste trabalho me pautei da pesquisa participante com abordagem qualitativa e norteadada pelo interesse de encontrar processos criativos de teatro, mais especialmente nos espaços educacionais. Entendo que o ensino do teatro é um espaço profícuo para a discussão sobre variados valores e questões humanas, e aqui eu incluo discursos excludentes baseados na heteronormatividade. Para o aprofundamento da discussão sobre este objeto de estudo, abaixo especifico questionamentos que foram fundamentais para o desenvolvimento desta investigação. São eles:

- Até que ponto as atividades teatrais possibilitam o pensar a feminilidade e a masculinidade de forma diversa das hegemônicas?
- De que forma as pessoas reagem frente a um trabalho cênico-pedagógico na contramão de conceitos estabelecidos como naturais e universalizantes?
- Em que medida a cena possibilita a investigação sobre os próprios padrões de comportamento?

— Quais os desafios a serem enfrentados pelo professor de teatro cuja proposta metodológica aponta para a multiplicidade da sexualidade, do gênero e do corpo?

Esta pesquisa envolveu alunos estagiários do quarto ano do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Em seu processo de estágio obrigatório relacionado ao primeiro semestre do ano letivo de 2008, os acadêmicos elaboraram projetos de ensino com enfoque nos temas sexo, gênero e sexualidade. Posteriormente, eles aplicaram os seus trabalhos fundamentados em teorias específicas nas próprias regências, as quais se realizaram em variadas comunidades, dentre outros espaços, ressalto o Grupo Dignidade, o qual se refere a uma ONG que tem como principais áreas de atuação a defesa e a promoção dos direitos humanos da população LGBTT e a promoção de saúde, com ênfase na prevenção das DST/AIDS.

Também, por meio do Curso de Extensão “*Gênero e as Múltiplas Sexualidades*”, com uma carga horária de quarenta horas/aula, esta pesquisa envolveu primordialmente professores que ministram a disciplina de Arte, e atuantes nas Redes de Ensino Municipal e Estadual de Educação. Esta proposta foi desenvolvida nas dependências da FAP, sob a orientação desta pesquisadora, com as contribuições de três alunos estagiários, sempre sob a minha supervisão no próprio curso de extensão.

Do total da carga horária destinada ao curso de extensão, dez horas/aula foram reservadas à prática pedagógica desses professores em sala de aula, com uma de suas turmas de alunos no Ensino Básico, para tratarem, por meio do ensino do teatro, as questões abordadas no curso. Essa proposta pedagógica culminou com a troca de experiência no último encontro com todos os professores envolvidos.

As práticas pedagógicas realizadas pelos alunos estagiários, e também pelos docentes inseridos no Curso de Extensão foram fundamentadas no “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal, e no sistema de Viola Spolin. As teorias feministas, de gênero e *queer* também contribuíram para a fundamentação dos trabalhos realizados pelos participantes aqui mencionados. Muitas vezes, os processos cênicos vinculados a esta investigação foram construídos coletivamente a partir de histórias reais, algumas delas baseadas na vida cotidiana dos próprios participantes. Seguindo a proposta de Boal, a realização desses trabalhos dispensou recursos técnicos elaborados, tais como maquiagem, cenário ou figurinos. Ele necessitou do repertório individual das pessoas, muitas vezes recheado de situações marcadas pela opressão.

Do conjunto das técnicas desenvolvidas por Boal, três delas foram utilizadas pelos envolvidos nesta pesquisa. *Teatro-Imagem* que dispensa o uso da palavra; *Teatro-Jornal* que integra algumas técnicas de transformação de textos jornalísticos em cenas teatrais; o *Teatro-Fórum*, técnica que, de acordo com as palavras do próprio Boal, é a mais conhecida e praticada em todo o mundo. É por meio desta técnica que, os espectadores são convidados a entrar em cena para revelarem os seus pensamentos, desejos e estratégias. Eles podem ainda sugerir ao grupo ao qual pertencem alternativas possíveis de mudança. Concordo com Boal (2007) quando afirma que o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, elementos comuns em um processo cênico-criativo, estimulam, aquecem, enriquecem, preparam os sujeitos nele envolvidos para agir na vida em sociedade, em processos de mudança.

Tal como já mencionei anteriormente, as atividades cênicas desenvolvidas na trajetória da pesquisa fundamentaram-se também no sistema de Spolin, mais precisamente das seguintes proposições: QUE (ação no jogo teatral), ONDE (espaço da ação no jogo teatral) e QUEM (papéis emergentes a partir do jogo teatral). Este recurso foi de grande valia principalmente nas improvisações teatrais, porque oferece focos de atenção que gradativamente articulam-se entre si contribuindo para a clareza dos objetivos a serem atingidos.

Concordo com Spolin (1992), quando argumenta que aprendemos por meio da experiência com o envolvimento no mundo e com o mundo. Mas para que isso aconteça é importante que haja a cumplicidade entre o indivíduo e ambiente. Se o ambiente for propício, “pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar. Talento ou falta de talento tem muito pouco a ver com isso”. (SPOLIN, 1992, p.3) Acrescento que no processo de libertação e integração do indivíduo é necessário o desenvolvimento da sua sensibilidade, sem a qual ele se fecha diante do mundo.

A escola faz parte integrante da sociedade em que vivemos, muitas vezes reforçando e reproduzindo códigos de condutas circunscritas a modelos de vigilância e de controle, produzindo também o indivíduo da sociedade disciplinar. Para Foucault (1988), o poder disciplinar se caracteriza pela descentralização, invisibilidade e onipresença e implica em um total controle do tempo, do corpo e da vida das pessoas. Por outro lado, ela também é um espaço profícuo à reflexão, ao questionamento sobre a própria realidade, com vistas a uma sociedade mais justa e democrática.

Norteados pelo objetivo de estimular o questionamento sobre as diferenças entre homens e mulheres, por meio das profissões estabelecidas aos gêneros um dos

alunos/estagiários se utilizou da seguinte estratégia metodológica: cada um dos integrantes escreveu em um pedaço de papel uma determinada profissão sorteada para ser levada individualmente à cena com a utilização exclusiva da expressão corporal. Para melhor compreensão específico abaixo o diálogo estimulado pelo professor com base em uma das cenas desenvolvidas, a partir da profissão de motorista de ônibus sorteada naquela etapa do trabalho. Assim sendo, nas falas abaixo selecionadas lê-se o seguinte:

Estagiário — Qual o gênero do motorista?

Aluno — Sem dúvida trata-se de um personagem masculino porque esta é uma profissão de homem.

Estagiário — Então as meninas não podem ser motoristas? Será que o corpo da mulher também pode aprender a ser motorista de ônibus?

Aluna — É claro que pode! Nada poderá impedir que eu seja motorista. Eu também posso aprender se eu quiser!

Segundo o aluno estagiário, a aula se encerrou com a reflexão sobre os papéis sociais rigidamente estabelecidos aos homens e às mulheres com base no sexo biológico. Por exemplo, todos concluíram que também a mulher pode exercer funções restritas aos homens em um processo de apreensão sobre as construções de gênero. Nesta perspectiva, as aulas de teatro podem ser “um espaço imaginativo e reflexivo em que se pensem e se inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola.” (DESGRANGES, 2003, p.72)

Em sua maioria, os docentes atuantes participantes do curso de extensão esclareceram que jamais haviam desenvolvido qualquer tipo de trabalho relacionado ao gênero em sala de aula, e também até então não haviam frequentado cursos relacionados ao tema. Segundo Louro (1997, p.76), “as preocupações e a vigilância em relação à sexualidade não se restringem às alunas, nem mesmo apenas aos alunos, mas a todas as pessoas (inclusive adultos) que convivem na escola”. Importa mencionar ainda que, a pesquisa demonstrou que a sexualidade ainda hoje convive sob o estigma do tabu no espaço escolar.

Posso afirmar que a pesquisa de doutorado ampliou a minha convicção sobre a relevância do Teatro como um espaço privilegiado para a problematização de assuntos que, embora permaneçam à margem do currículo escolar, são lugares de discriminação, exclusão e evasão escolar. A partir de suas próprias necessidades subjetivas na cena ele transforma a realidade na mesma medida em que é transformado por esse seu modo de agir. Nessa perspectiva, a pedagogia do teatro é propícia à mudança, especialmente no que se refere aos modelos e ideais direcionados à masculinidade e à feminilidade, em direção a outras formas de arranjos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. (trad.) Ingrid Dormin Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 1992.